

***Por uma Leitura Afrocentrada da Bíblia:
O Protagonismo do Cuxi Coletivo Negro Evangélico***

*For an Afrocentric Reading of the Bible:
The Protagonism of the Cuxi Black Evangelical Collective*

**Por una Lectura Afrocentrada de la Biblia:
El Protagonismo del Colectivo Negro Evangélico Cuxi**

Resumo

Negros evangélicos brasileiros vêm, aos poucos, se organizando para construir novas narrativas importantes no que diz respeito a pesquisar relatos de espaços geográficos e sujeitos africanos na Bíblia. Este artigo busca evidenciar o protagonismo do Cuxi Coletivo Negro Evangélico, que tem início ao reunir pessoas negras evangélicas de diversas denominações, que tinham em comum o perfil de letramento racial mais crítico dentro da sua comunidade de fé. Tal encontro foi um marco para que ações fossem pensadas e colocadas em prática com o objetivo de, através da leitura afrocentrada da Bíblia, identificar os personagens africanos no Primeiro e Segundo Testamentos, bem como compreender a importância e relevância dessas leituras para práticas sociais e educacionais antirracistas no enfrentamento à intolerância religiosa.

Palavras-chave: Bíblia; África; Negro; Cristianismo; Evangélico.

Abstract

Brazilian Black evangelicals are gradually organizing themselves to construct new and important narratives regarding research into geographical spaces and African subjects in the Bible. This article seeks to highlight the leading role of the Cuxi Black Evangelical Collective, which began by bringing together Black evangelicals from various denominations who shared a more critical racial literacy profile within their faith community. This meeting was a landmark for the conception and implementation of actions aimed at identifying African characters in the Old and New Testaments through an Afrocentric reading of the Bible, as well as understanding the importance and relevance of these readings for anti-racist social and educational practices in confronting religious intolerance.

¹ Teóloga e Historiadora; Mestra em Educação e Contemporaneidade (UNEB); idealizadora do Cuxi Coletivo Negro Evangélico.

Keywords: Bible; Africa; Black; Christianity; Evangelical.

Resumen

Los evangélicos negros brasileños se han ido organizando paulatinamente para construir nuevas narrativas importantes en lo que respecta a investigar relatos de espacios geográficos y sujetos africanos en la Biblia. Este artículo busca evidenciar el protagonismo del Colectivo Negro Evangélico Cuxi, que tiene su inicio al reunir a personas negras evangélicas de diversas denominaciones, que tenían en común un perfil de alfabetización racial más crítico dentro de su comunidad de fe. Dicho encuentro fue un hito para que se pensarán y pusieran en práctica acciones con el objetivo de, a través de la lectura afrocentrada de la Biblia, identificar a los personajes africanos en el Primero y Segundo Testamentos, así como comprender la importancia y relevancia de estas lecturas para las prácticas sociales y educativas antirracistas en el enfrentamiento a la intolerancia religiosa.

Palabras clave: Bíblia; África; Negro; Cristianismo; Evangélico.

Introdução

O Rio Gion margeia toda a terra de Cush (Gn 2:13). Quando fazemos a leitura da Bíblia, muita coisa pode passar despercebida ou, propositalmente, ser dada ênfase a determinados trechos, para que quem estiver sendo guiado não faça questionamentos. No que diz respeito à presença africana, percebemos o projeto de apagamento histórico. A passagem bíblica citada refere-se a uma cidade etíope, ou seja, já encontramos a África nos primeiros capítulos da Bíblia Sagrada. Foi buscando encontrar mais evidências africanas, sobretudo no Primeiro Testamento, que em 2012 dá-se início ao Cuxi Diáspora Africana, cujo objetivo foi reunir pessoas negras que professavam a fé cristã evangélica para fazerem parte de encontros formativos a partir da leitura afrocentrada da Bíblia. O ponto de encontro era na Igreja Batista Sião, localizada no centro de Salvador.

Este artigo trará a experiência do Cuxi Coletivo Negro Evangélico, que tem início quando, a partir de uma convocação, pessoas começam a contribuir e somar na caminhada e construção de diversas ações, tornando o Cuxi uma referência nacional. Trazer evidências da presença negra nos relatos bíblicos é de suma relevância para que negras e negros que professam a fé evangélica também se vejam como parte da criação de Deus. O primeiro casal da Bíblia é apresentado como caucasiano. Ou seja: branco, loiro e olhos azuis. Mas como pode ser se geograficamente o Continente Africano e Oriente Médio não têm pessoas com esse fenótipo? A quem interessa esse projeto de uma Bíblia embranquecida?

No Comentário Bíblico Africano, encontra-se uma citação muito importante para que se aprofunde a História e Cultura Africana a partir de relatos bíblicos:

Algumas das primeiras traduções das Escrituras completas foram produzidas no norte da África. Por volta de 300 d.C., a Bíblia foi traduzida para o saídico, dialeto egípcio antigo, e, por volta do século VI, para o boairico, outro dialeto. Esta última ainda é a versão oficial da Igreja Ortodoxa Copta. A Núbia e a Etiópia também receberam o evangelho em tempos remotos. A tradução ge'ez da Bíblia, datada de cerca de 500 d.C., continua em uso na Igreja Ortodoxa Etíope (Adeyemo, 2010, p. 1348).

Compreender as sociedades modernas e mudanças estruturais na diáspora africana é questionar conceitos e modelos apresentados como se fossem estáticos. E ao negro evangélico, os padrões impostos pela igreja sempre foram a referência branca. Stuart Hall faz a seguinte reflexão:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (Hall, 2013, p. 10).

O Cuxi não se apresenta apenas como uma agremiação religiosa, mas como um instrumento de descolonização do pensamento. Ao questionar o porquê da não participação negra evangélica nas lutas sociais, o Coletivo busca restaurar a «sólida localização» do indivíduo social mencionada por Stuart Hall, reconciliando a fé cristã com a identidade racial em um contexto de resistência e afirmação cultural na pós-modernidade.

A Gênese do Cuxi Coletivo Negro Evangélico

A gênese do **Cuxi Coletivo Negro Evangélico** fundamenta-se nas reflexões críticas da teóloga e historiadora Gicélia Cruz. Sua trajetória como intelectual negra, mestra em Educação e Contemporaneidade, e integrante de frentes como o Fórum Nacional de Mulheres Negras, permitiu a convergência entre o rigor acadêmico e o ativismo institucional. A criação do Coletivo surge como uma resposta direta à fragmentação das identidades modernas, buscando reconfigurar o lugar do sujeito negro no interior de estruturas religiosas historicamente hegemônicas.

Um dos eixos centrais de investigação e atuação de Cruz reside na análise da ausência ou invisibilidade de segmentos evangélicos em marcos da luta racial, como a **Marcha Zumbi**. É sintomático que, em Salvador — o maior centro urbano de herança africana fora do continente africano — houvesse um distanciamento entre a fé evangélica e a celebração do 20 de novembro. Esse hiato não é meramente geográfico, mas um reflexo da **crise de identidade** e da alienação histórica imposta aos fiéis negros.

A análise acadêmica proposta pelo Coletivo evidencia que a Igreja Evangélica no Brasil, influenciada por um projeto colonial de **embranquecimento teológico**, operou um processo de demonização sistemática de qualquer traço

cultural ou religioso de matriz africana. Esse mecanismo de controle não apenas afastou o fiel de sua ancestralidade, mas também fragmentou sua consciência política, impedindo-o de se identificar plenamente como um sujeito social ativo nas pautas de raça e etnia.

O Testemunho de uma Mulher Negra

As mulheres negras sempre foram as mais violentadas, sobretudo as negras de pele mais retinta. Trazemos aqui o relato de uma mulher negra que frequenta a igreja batista há 35 anos:

Em 1990, quando eu me converti à fé cristã evangélica, eu já participava do movimento negro. Portanto, tinha letramento racial e de gênero. Minha estética de pele preta e cabelo black natural chamou logo atenção, a ponto de ser questionada “por que eu não dava uma coisa no meu cabelo para melhorá-lo”. Por muitos anos ouvi esses comentários. Porém, em nada conseguiram mudar meu jeito negro de ser.

Esse relato evidencia o quanto o negro evangélico precisa ter sua autoestima reforçada a cada dia, através de encontros formativos, cursos, seminários etc.

Trazer a experiência afrodiaspórica no que se refere à identidade cultural no Brasil é importante para que se possa compreender que nada é estático, principalmente o aspecto religioso. Hall (2013) diz que “*na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas*” (p. 29).

O Cuxi e o Movimento Negro

Nilma Lino Gomes traz uma definição para o Movimento Negro Brasileiro:

Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade (Gomes, 2017, pp. 23–24).

O Cuxi Coletivo Negro Evangélico compreende que a leitura da Bíblia, além de atender à perspectiva da fé, também pode servir como referencial teórico juntamente com outras literaturas. Por isso a importância de, durante as formações, a equipe indicar livros que dialoguem sobre a questão racial, gênero e classe. Algo que também chama atenção é a inscrição de mulheres nos eventos promovidos pelo coletivo negro evangélico. Algumas mulheres vêm buscando

conhecimento sobre a leitura bíblica onde elas se vejam, inclusive aquelas que já têm formação acadêmica. Assim, livros como *Negro não entra na igreja, espia da banda de fora: protestantismo e escravidão no Brasil Império* (Barbosa, 2002) e *Martin Luther King Jr: o redentor negro* despertam interesse para o aprofundamento da história do protestantismo e a participação do corpo negro que professa essa fé.

No livro *Os Negros da Bíblia e os do Brasil*, o autor Paulo de Sousa Oliveira faz a seguinte referência:

Alguns teólogos descaracterizaram a identidade dos grupos e dos personagens negros do relato bíblico, colocando-os como pertencentes a grupos étnicos da Mesopotâmia e da Ásia, ausentes de características negras (Oliveira, 2001, p. 41).

E ainda:

Não há dúvida de que no texto bíblico original as ocorrências da palavra Cux, Cush ou Kush se referem a pessoas que tinham os rostos queimados. É este o sentido do termo quando ocorre na Bíblia. Não dá para identificá-las com pessoas brancas. O Novo Testamento, na língua grega, confirma o sentido da palavra hebraica cush ao chamar os cuxitas de etíopes (Oliveira, 2001, p. 41).

O Projeto Educadores Evangélicos e a Lei 10.639/03

O desenvolvimento do Projeto *Educadores Evangélicos na Aplicabilidade da Lei 10.639/03* ocorreu em 2012, fundamentado nos referenciais teóricos que discutem a educação para as relações étnico-raciais. Tal iniciativa buscou responder às exigências da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura da África e da população afro-brasileira na Educação Básica e no Ensino Superior, abrangendo instituições públicas e privadas. O projeto foi elaborado a partir da necessidade de promover práticas educativas que valorizem a diversidade e contribuam para a superação do racismo no ambiente escolar. O objetivo foi realizar um seminário onde profissionais da educação, principalmente professoras e professores que professavam a fé cristã evangélica, descobrissem a presença africana nos dois testamentos, desde Gênesis ao Apocalipse. Mas a primeira edição do seminário só aconteceu em 2013, quando o projeto foi selecionado no edital do Novembro Negro, ganhou verba, onde pôde investir na estrutura do evento.

O seminário foi organizado em três oficinas temáticas: *Literatura Afro-brasileira*, *Identidade Negra na Sala de Aula* e *Religiões Afro-atlânticas*. A partir dessa experiência, o Cuxi Coletivo Negro Evangélico passou a desenvolver diversas ações formativas voltadas à capacitação de lideranças evangélicas que atuam tanto na área da educação quanto em espaços eclesiais. Essas ações têm como propósito promover o letramento racial por meio de uma leitura afrocentrada das narrativas bíblicas.

Posteriormente, incorporou-se aos seminários a abordagem da Lei nº 11.645/2008, ampliando o escopo para incluir também a história e a cultura dos povos indígenas. Com essa inclusão, as formações passaram a adotar um caráter multiétnico, fortalecendo a perspectiva de educação antirracista e intercultural.

Fundamentação Teológica: James Cone e a Teologia Negra

A experiência da Teologia Negra, através da obra *O Deus do Oprimido*, do afro-estadunidense Rev. James Cone, traz a seguinte reflexão:

Qual é a conexão entre vida e teologia? A resposta não pode ser a mesma para negros e brancos, porque negros e brancos não participam da mesma vida (Cone, 1985, p. 19).

Também:

Nossa teologia deve emergir conscientemente de uma investigação da experiência sociorreligiosa do povo negro, como tal experiência é refletida nas histórias negras que contam como Deus trata o povo negro na luta pela liberdade (Cone, 1985, p. 19).

Um dos pilares do Cuxi é a formação para professores e lideranças evangélicas na aplicabilidade das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Por quê? A resposta é: a igreja evangélica no Brasil, infelizmente, ainda tem dificuldade em respeitar o que está fora dos seus muros. No que se refere ao ambiente escolar, existe a reclamação de que os professores evangélicos têm “dificuldade” para colocar em prática a Lei 10.639/2003, pois demonizam tudo que pertence ao Continente Africano. Ainda que a maioria dos profissionais da educação seja mulheres negras. Porém, algumas delas com o racismo assimilado, não conseguem perceber o quão estão envolvidas pelo racismo estrutural.

Racismo Religioso e Intolerância

Um dos exemplos que podemos trazer é o comportamento da maioria das igrejas evangélicas no Brasil diante das religiões de Matriz Africana: candomblé, umbanda etc., onde percebe-se o desrespeito pregado desde o púlpito da igreja até invasão de terreiros. O racismo religioso pregado e disseminado por aquilo que se entende só existir uma teologia única, leva à intolerância religiosa, tendo como consequência o assédio moral, constrangimento e até vandalismo dos espaços sagrados dessas comunidades de fé.

Portanto, entendemos que seja importante que os sujeitos evangélicos compreendam que existem histórias, culturas e religiões que devem ser respeitadas. No que se refere à intolerância religiosa, o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa afirma que:

Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência, incluindo-se qualquer manifestação individual, coletiva ou institucional, de conteúdo depreciativo, baseada em religião, concepção religiosa, credo, profissão de fé, culto, práticas ou peculiaridades rituais ou litúrgicas, e que provoque danos morais, materiais ou imateriais, atente contra os símbolos e valores das religiões afro-brasileiras ou seja capaz de fomentar ódio religioso ou menosprezo às religiões e seus adeptos (Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia, 2023).

Instrumentalizar tais profissionais da educação através de formações, mostrando na geografia bíblica o protagonismo da África e dos africanos, fará com que a autoestima do negro evangélico seja trabalhada, bem como a diversidade cultural e religiosa seja respeitada.

Autoestima e Identidade

Ao longo dos anos, durante as ações do Cuxi na cidade de Salvador, percebeu-se que a maioria dos negros evangélicos não conseguem fazer reflexões sobre gênero, raça e classe; também não sabem nada sobre ancestralidade africana e acreditam que negros e brancos têm as mesmas oportunidades. Ou seja, acreditam em meritocracia, como se o negro fosse menos esforçado e por isso Deus não o abençoa como abençoa, sobretudo, o homem branco. As mulheres negras, ainda que sejam maioria e base da igreja evangélica brasileira, durante as ações do Cuxi, fazem relatos de sofrimento por conta de violência que sofrem devido sua estética afro, principalmente aquelas que optam por deixar o cabelo black ou usam tranças.

Já tivemos o caso de uma jovem que, após a formação, abraçou uma das facilitadoras e começou a chorar agradecendo porque através daquela palestra, percebeu que não havia nada de errado com seu cabelo. Ela disse que o pastor da sua igreja fez o seguinte comentário: *mulher crente não usa cabelo black*. O que nos chama atenção é que, na maioria das vezes, é um homem negro que age dessa forma. Sabemos que o racismo assimilado prova o auto ódio. O psiquiatra Frantz Fanon diz que: *“por mais dolorosa que seja essa constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco”* (Fanon, 2008, p. 28).

A fim de que possamos refletir sobre o perigo de uma história única, também entendemos que existe o perigo de uma teologia única, que é a pensada, escrita e pregada nas igrejas evangélicas. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie diz que: *“o perigo de uma história única é que ela rouba a dignidade da pessoa”* (Adichie, 2019, p. 27).

Ações Realizadas pelo Cuxi Coletivo Negro Evangélico

Existe a preocupação por parte do Cuxi Coletivo Negro Evangélico de que uma única narrativa teológica tire a dignidade do negro evangélico. Por isso listamos algumas ações realizadas:

- ◆ I Seminário Educadores Evangélicos e Aplicação da Lei 10.639/03. (2013)
- ◆ II Seminário Internacional Educadores Evangélicos e Aplicação da Lei 10.639/03. (2014)
- ◆ Março Mulher: Mulheres Evangélicas e Reflexões Possíveis. (2014)
- ◆ Roda de Conversa Um outro olhar sobre a África: seu lugar histórico na Bíblia. (2015)
- ◆ Roda de Conversa Lideranças Evangélicas dialogam sobre a Lei 10.639/03. (2015)
- ◆ I Encontro de Mulheres Negras Evangélicas em parceria com o Cuxi. (2016)
- ◆ Roda de Conversa Fé e Religião na Diáspora Africana: Negros Evangélicos no Brasil. (2016)
- ◆ Seminário Internacional Igrejas Evangélicas e Representação Social: Gênero, Raça e Juventude. (2016)
- ◆ Roda de Conversa a Experiência de uma mulher brasileira na República Democrática do Congo. (2017)
- ◆ Roda de Conversa: Mulheres Africanas e seu Espaço na Bíblia. (2018)
- ◆ Roda de Conversa O Legado de Martin Luther King Jr para a Educação. (2019)
- ◆ Roda de Conversa Necropolítica e Igreja Evangélica: uma Reflexão Necessária. (2019)
- ◆ Julho das Pretas — Parceria com ADUNEB. (2019)
- ◆ Setembro Amarelo — A saúde Psicossocial do Homem Negro — Live. (2020)
- ◆ Outubro Rosa — Live. (2020)
- ◆ Novembro Negro — Cuxi Dialoga — Lives. (2020)
- ◆ Início do Grupo de Estudos. (2021)
- ◆ Curso de Formação Professores Evangélicos na Aplicabilidade das Leis 10.639/03 e 11.645/08. (2021)
- ◆ Racismo é Pecado: peça publicitária. (2022)
- ◆ Igreja Evangélica e Racismo Religioso: respeitando a Diversidade Religiosa. (2023)
- ◆ Mulheres Negras em Diáspora: Narrativas Religiosas no enfrentamento à violência de gênero e racial. (2023)
- ◆ Combate à violência contra a mulher dentro e fora da Igreja. (2023)

Tais ações fizeram com que o Cuxi passasse a ser referência não só local, mas também nacional. Fazer a leitura da Bíblia dando visibilidade ao protagonismo africano, seja dos sujeitos e espaços geográficos dentro de uma igreja batista conservadora, foi um marco histórico para a comunidade negra evangélica. A Igreja Batista Sião, através da sua liderança, confiou no projeto e abriu as portas do templo para pudéssemos nos reunir.

Vale ressaltar que o sujeito evangélico não gosta de frequentar determinados espaços e nem de manifestação social, por acreditar não serem esses lugares adequados para um crente em Jesus estar. No primeiro Seminário Educadores Evangélicos na Aplicabilidade da Lei 10.639/2003, realizado na Igreja Batista Sião, considerada o berço do tradicionalismo batista em Salvador, uma das participantes fez o seguinte comentário: “*só vim porque foi aqui*”. Isso mostra quanto tempo será necessário para que a justiça social e racial demore para alcançar a comunidade evangélica brasileira.

Ação social durante a pandemia

No aspecto ação social, durante a pandemia do coronavírus, o Cuxi Coletivo Negro Evangélico foi bem atuante quando, através de parcerias nacionais e internacionais, distribuiu cesta básica para 130 famílias cadastradas, residentes em comunidades economicamente vulneráveis. Foram doações em dinheiro, alimentos, roupas e brinquedos. Quando procuramos traçar o perfil das pessoas assistidas, na sua maioria, eram mulheres negras e mães-solo, de vários credos religiosos. Percebeu-se então que a vulnerabilidade socioeconômica atravessa os corpos negros, independente da sua fé.

Reconhecimento Acadêmico

No que se refere ao campo acadêmico, o Cuxi também foi tema do Trabalho de Conclusão de Curso, quando Bruno de Araujo Conceição, estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia, pediu autorização para pesquisar a trajetória do coletivo. Foi uma surpresa e reconhecimento para todas as pessoas envolvidas na construção do Cuxi. Com o título *Os Meandros da Fé: A Perspectiva Formativa Negra do Cuxi Coletivo Negro Evangélico*, o então graduando Bruno de Araujo Conceição justifica sua intenção ao pesquisar o coletivo negro:

As camadas analíticas da presente pesquisa ocupam-se da centralidade objetiva de: analisar os processos formativos da perspectiva negra evangélica dos sujeitos no Cuxi Coletivo Negro Evangélico (CCNE) enquanto deslocamento da concepção universalista branca do protestantismo histórico. Para cumprir a centralidade objetiva dessa pesquisa, delimitamos como norteamento analítico das objetivações específicas: compreender as interrelações e possibilidades da experiência negra evangélica por intermédio das atividades desenvolvidas pelo Cuxi Coletivo Negro Evangélico

(CCNE); entender como a perspectiva negra de reinterpretatividade bíblica contribui na compreensão do protagonismo negro no cristianismo-protestante; analisar a possibilidade de inter-relação entre fé e intelectualidade negra como mecanismo de enfrentamento das violações raciais nas igrejas evangélicas em Salvador (BA); e refletir a perspectiva formativa do Cuxi Coletivo Negro Evangélico acerca da diversidade religiosa (Conceição, 2022, p. 10).

Entender a importância e relevância de organizações negras evangélicas na construção de um novo pensar sobre uma teologia hegemonicamente branca, que até então apresentava-se como irrefutável, mostra que existem mentes e corpos negros pensando e fazendo uma leitura decolonial da Bíblia, bem como da liturgia onde a diversidade cultural, sobretudo a negra, sempre esteve à margem.

Conclusão

O **Cuxi Coletivo Negro Evangélico** estabelece sua atuação não pelo viés do pioneirismo, mas pela urgência da conscientização estrutural. Sua missão precípua é fomentar o **letramento racial** entre homens e mulheres negros que professam a fé cristã, integrando as interseccionalidades de **gênero, raça e classe** ao cotidiano das comunidades de fé. Trata-se de uma proposta pedagógica que visa romper com a herança colonial do silenciamento e da alienação identitária.

A trajetória do coletivo é pautada na recuperação da história e cultura africana como elementos indissociáveis da experiência religiosa. Ao propor uma leitura bíblica que evidencia o protagonismo africano nas Escrituras, o Cuxi utiliza a produção de conhecimento como um instrumento de “iluminação” — uma metáfora teológica para o despertar da consciência crítica. Esse processo retira o véu do apagamento histórico e reafirma a presença e a contribuição do sujeito **afrodiaspórico** na construção do cristianismo.

Pensar a Igreja de Cristo em sua essência exige o reconhecimento da alteridade e a contemplação de grupos historicamente marginalizados, especialmente aqueles que sofreram o **apagamento ontológico** durante a travessia afro-atlântica. A proposta do Coletivo é, portanto, uma reafirmação da fidelidade ao Evangelho: justiça e paz como pilares de uma fé que não se isenta do debate social.

O Cuxi Coletivo Negro Evangélico não toma para si a vanguarda ou pioneirismo, mas entende sua missão para que mulheres negras e homens negros que professam a fé cristã evangélica desenvolvam o **letramento racial** na perspectiva de gênero, raça e classe. Escrever a trajetória de um coletivo negro que se propõe a dar visibilidade à história e cultura da África a partir da leitura bíblica dentro das comunidades de fé evangélica também se torna instrumento

usado por Deus para trazer luz aos cegos no que diz respeito ao protagonismo do afrodiaspórico na religião.

Referências

- Adeyemo, Tokunboh (2010), *Comentário Bíblico Africano*. São Paulo: Mundo Cristão.
- Adichie, Chimamanda Ngozi (2019), *O perigo de uma história única* / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras.
- Barbosa, José Carlos (2002), *Negro não entra na igreja, espia da banda de fora: protestantismo e escravidão no Brasil Império*. Piracicaba: UNIMEP.
- Cone, James H. (1985), *O Deus do Oprimido* / James H. Cone; [tradução Josué Xavier; revisão José Joaquim Sobral]. São Paulo: Ed. Paulinas.
- Conceição, Bruno de A. (2022), *Os Meandros da Fé: A Perspectiva Formativa Negra do Cuxi Coletivo Negro Evangélico*. TCC (Graduação – Ciências Sociais) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I.
- Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia – 10 anos. [Salvador], 2023.
- Fanon, Frantz (2008), *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA.
- Hall, Stuart (2013a). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, Stuart (2013b), *Da diáspora: identidades e mediações culturais* / Stuart Hall; organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et al.]. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Oliveira, Paulo de Sousa (2001), *Os negros da Bíblia e os do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Sete.
- Santos, Jocélio Teles dos (2009), *Geografia Religiosa Afro baiana no século XIX*. Revista VeraCidade, Salvador, ano IV, n. 5, out.

Gicélia Cruz